

# BETAR & ARTES & LETRAS

#121 | JULHO/AGOSTO | 2020

## festival ao largo

Desta vez no Palácio da Ajuda,  
em vez do habitual Largo de São Carlos,  
e com óbvias regras de segurança



**B**  
Betar

**B**

# Há 45 anos na vanguarda da engenharia

Ponte de Tete, Moçambique

## FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**

Sede: **Av. Elias Garcia n° 53, 2° Esq. 1000-148 Lisboa**

Administração: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Redatora: **Cátia Teixeira**

Design: **Jonas Reker**

**B**  
**Betar**

Numa altura em que o país tenta retomar o que é possível da normalidade, a cultura voltou a ser chamada e procura, também ela, regressar aos seus palcos e salas habituais. O verão traz assim mais eventos presenciais, todos eles muito regrados pelas normas de saúde pública vigentes, e espera-se que traga algum ânimo aos profissionais do espetáculo e ao seu público.

Os festivais são a maior aposta dos produtores, tanto na música como no teatro e cinema. O Festival de Almada aposta sobretudo na criação teatral portuguesa, após três meses e meio de paragem, com 17 espetáculos em Almada e Lisboa. O Festival ao Largo vai também realizar-se, embora este ano tenha sido deslocado para o pátio do Palácio Nacional da Ajuda, em vez do habitual Largo de São Carlos. Em Gaia, acontecem Noites de Verão, no âmbito de um mini festival com José Cid, Carolina Deslandes, Ana Moura, Pedro Abrunhosa, Miguel Araújo, Xutos e Pontapés, Herman José e Mariza. O EDP Vilar de Mouros também acontece em Caminha, e o Festival Internacional de Cinema, IndieLisboa, vai ter lugar no final de Agosto. A Gulbenkian terá um regresso em grande como o Jazz 2020 e com o festival transdisciplinar Jardim de Verão 2020, onde desafiou a Zé dos Bois apresentar uma programação com instalação, performance e música. Para esta edição contamos com a colaboração da arquiteta Inês Norton, da Global Arquitectura Paisagista, que nos fala da sua experiência e percurso, e a quem agradecemos a disponibilidade.

**EDITORIAL**

**Miguel Villar**

editor convidado

# BETAR

A intervenção no complexo da Herdade do Esporão permitiu remodelar espaços existentes, com novas configurações interiores, e aumentar a área de construção



complexo da Herdade do Esporão procurou remodelar espaços existentes e aumentar a área de construção, com um corpo de entrada para o Enoturismo, um corpo de apoio aos trabalhadores e um corpo de anexos que, em planta, completa um perímetro retangular em conjunto com os corpos existentes, encerrando um pátio exterior. Os espaços a erigir de raiz disseminam-se pela área total de construção divergindo na sua funcionalidade. A Nascente complementa-se a construção existente ao nível do Piso 0 com extensões dos corpos que ladeiam o claustro. Entre as duas alas do claustro configura-se um corpo de entrada que preenche a face poligonal oriental. A nível estrutural os novos corpos são constituídos por pórticos periféricos em betão, cujas vigas sustentam asnas em lamelados colados, formando uma cobertura de quatro águas, as duas mais pequenas na extremidade de cada ala.

## **Herdade do Esporão - Escritórios e Enologia e Enoturismo, Reguengos de Monsaraz**

Projeto: 2011

Obra: 2012

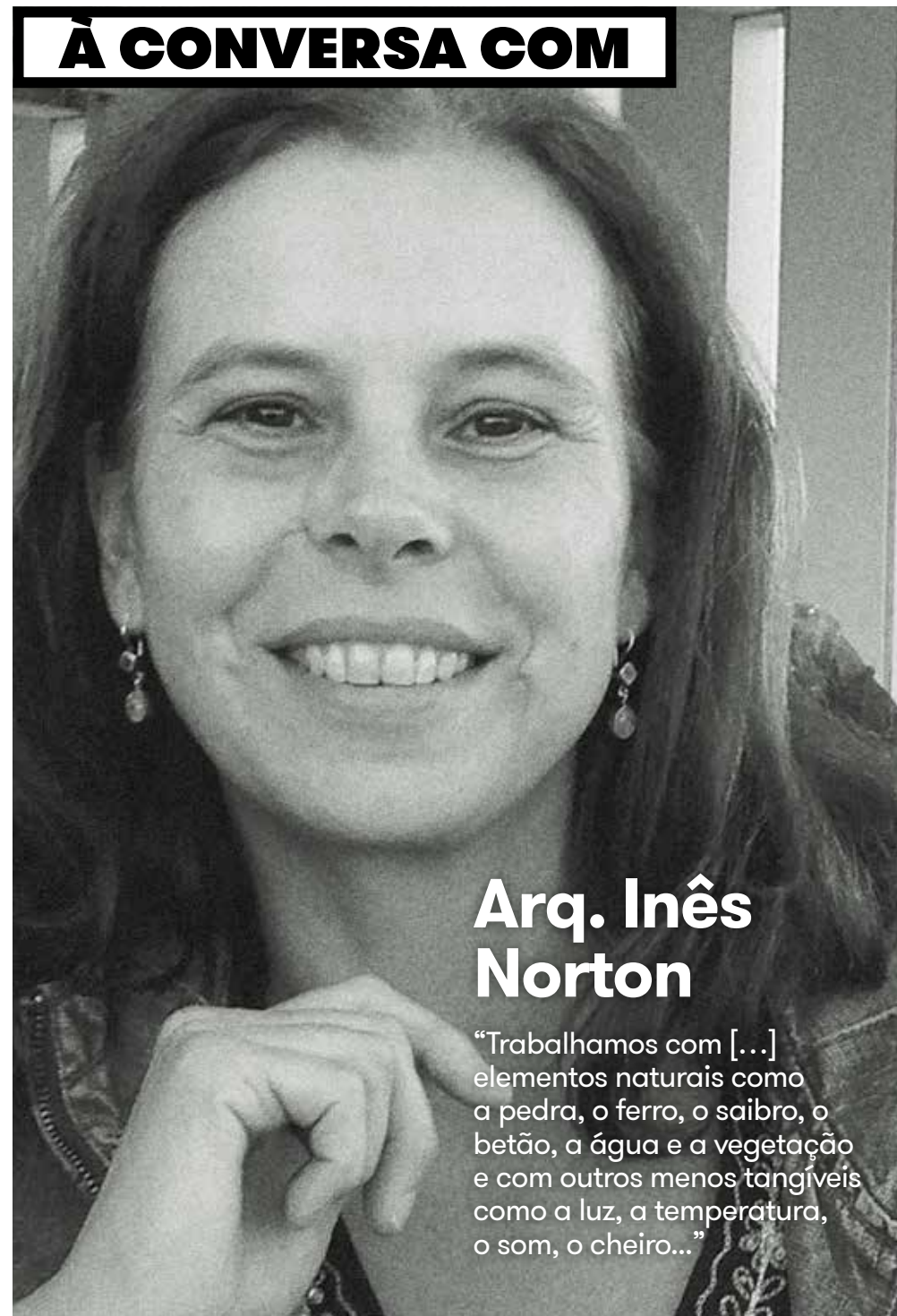
Área Bruta de Construção:  
remodelação: 1.900 m<sup>2</sup>/  
construção nova: 1.262 m<sup>2</sup>

Dono de Obra: Esporão, S.A.

Arquitetura: Miguel Oliveira,  
João Botelho Arquitectos

Especialidades: Fundações  
e Estruturas

## **À CONVERSA COM**



## **Arq. Inês Norton**

“Trabalhamos com [...] elementos naturais como a pedra, o ferro, o saibro, o betão, a água e a vegetação e com outros menos tangíveis como a luz, a temperatura, o som, o cheiro...”

# ARQ. INÊS NORTON

**Tem mais de 25 anos de experiência profissional. Fale-nos um pouco do seu percurso.**

Frequentei a licenciatura em Arquitetura Paisagista na Universidade de Évora de 1986 a 1990. Fiz um estágio profissional em Bruxelas, no atelier Urbanisme et Aménagement. Terminado o estágio trabalhei um ano na Agence Française de Paysage, em Paris, findo o qual voltei para Lisboa e associei-me com os Arq. Paisagistas João Gomes da Silva e João Mateus. Montámos um atelier que, mais tarde, deu origem à Global, do qual eu e o João Gomes da Silva somos sócios fundadores desde 1998. Em 2006 criei um projeto paralelo, a Global 2, com uma equipa independente. Em 2009, devido à crise, fui obrigada a fechar o atelier e aceitei um desafio da PROAP para acompanhar o projeto de requalificação do espaço publico na Ilha de Nantes. Fui responsável pela coordenação durante 2 anos. Depois, aceitei novo desafio da PROAP para coordenar um gabinete em Luanda. Trabalhámos para o governo em projetos institucionais e colaborámos com um gabinete local para a criação de novos bairros nas zonas degradadas da periferia de Luanda. Angola fascinava-me pelo seu potencial, escassez dos meios e generosidade das pessoas. No entanto o trabalho era bastante frustrante porque era muito difícil de concretizar e estávamos à mercê de interesses de outra ordem. Colaborei neste projeto até 2014 com várias viagens a Luanda. Voltei a Lisboa, onde recomecei a trabalhar na Global, até hoje.

**Qual a sua visão acerca dos conceitos que investigam e desenvolvem na Global?**

Eu e o João Gomes da Silva temos valências diferentes que se complementam. Discutimos os trabalhos que entram no atelier e temos colaboradores que desenvolvem os projetos connosco. Normalmente cada um de nós fica responsável por orientar e levar os projetos e obras até ao fim. Trabalhamos em várias escalas e contextos geográficos, rurais, urbanos, industriais, sendo que as circunstâncias de cada projeto são sempre únicas. A nossa abordagem é muito transversal, procuramos interpretar o contexto geográfico, económico, social em cada caso de estudo. A ideia da construção, ao longo do tempo, e sobreposição de intervenções, está sempre presente na investigação. Somos rigorosos e justificamos sempre a intervenção que propomos a partir do reconhecimento claro da situação existente.

**Quais os princípios que estão na base do seu trabalho?**

Fascina-me a investigação pelo desenho e a possibilidade de transformação, organização e invenção de espaço. Procuro integrar o meu trabalho numa ideia de continuidade, ao encontro do essencial, e criar condições de equilíbrio e de sustentabilidade. Trabalho fundamentalmente em projeto e sempre com um objetivo estético, que é alcançado quando a solução proposta responde de forma obvia e inequívoca às solicitações do lugar. Este equilíbrio passa pela seleção



certa dos materiais e das espécies vegetais adaptadas, do conforto ambiental, cromático. Trabalhamos com a matéria disponível, sejam os elementos naturais como a pedra, o ferro, o saibro, o betão, a água e a vegetação e com outros menos tangíveis como a luz, a temperatura, o som, o cheiro, a profundidade de campo, e vistas. Projetamos sempre a pensar na viabilidade da construção e na criação de mais valias para os espaços.

**Consegue destacar alguns projetos mais marcantes ou mais desafiantes?**

Todos os projetos são desafiantes. Os mais marcantes foram aqueles em que o trabalho foi feito em equipa e o resultado fruto da discussão e da colaboração. Outros são os trabalhos que incidem sobre paisagens já de si muito bonitas, onde é fácil integrar uma intervenção, outros ainda poderão ser socialmente desafiantes, com resultados menos imediatos, mas que proporcionam formas de habitar mais dignas e com melhor qualidade de vida para as pessoas. Normalmente com um programa de intervenção ajustado e um cliente que se interessa, confia e delega, o resultado

é positivo. Recordo a dificuldade de intervenção no espaço publico dos bairros sociais do Plano Integrado de Almada, a riqueza da construção dos espaços da EXPO 98, a intervenção em equipa na escola Secundária Vergílio Ferreira, em Lisboa, ou a colaboração com os clientes em alguns jardins privados.

**Ainda há muito por fazer ao nível da arquitetura paisagista em Portugal?**

Sim, há muitas áreas onde há muito trabalho de Arquitetura Paisagista para fazer. Diria sobretudo ao nível do planeamento e da educação. Falamos de problemas de cheias, gestão de resíduos, destruição de florestas, fogos, exploração abusiva de solos, construções clandestinas, cidades de asfalto.... Há todo o trabalho de consolidação e renovação de espaço publico que cada vez tem mais importância na qualidade de vida dos cidadãos, e falo tanto de zonas mais degradadas das cidades, nas periferias, como nos centros das cidades, onde a densidade e a mobilidade obriga á adaptação dos pavimentos, criação de jardins e espaços de contacto com a natureza.

# SUGESTÕES

## TEATRO



### Golpada

María e Jesus María são gémeos. Vêm de um meio desfavorecido, têm trabalhos mal pagos e, desde crianças, um grande sonho: ser ricos. Um dia, aparece-lhes uma proposta irrecusável. Os seus exóticos vizinhos, a vidente Madame Bonafide e o realizador Otto-Porno, avisam-nos dos perigos que correm, mas ninguém consegue travar a força daquele sonho por uma vida melhor. Com humor, poesia e um olhar atento a tudo o que é profundamente humano, a conceituada autora alemã Dea Loher conta uma história de contornos policiais que celebra a irreverência da juventude e o poder da fantasia. **DESDE 14 DE JUNHO**

Teatro Aberto  
Encenação João Lourenço  
Interpretação Ana Guiomar, Carlos Malvarez, Cristóvão Campos, Rui Melo e Tomás Alves

## TEATRO

### A peça que dá para o torto

Estreou em Londres há 5 anos e já passou, regressou ou ainda está a passar por mais de 30 países. Trata-se de um sucesso na Broadway que já arrecadou prémios muito importantes como um Tony para melhor Cenografia (EUA); um Prémio da Crítica para Melhor Produção Comercial (Hungria); e um prémio de Melhor Comédia (França). Em 2020 chega a Portugal com o objetivo de ganhar, pelo menos, um Globo de Ouro. “A peça que dá para o torto” tem tradução e adaptação de Nuno Markl e promete ser um sucesso. **EM JULHO**



Casino Lisboa e Coliseu Porto AGEAS  
Encenação Hannah Sharkey/Frederico Corado  
Interpretação Alexandre Carvalho, Cristóvão Campos, Igor Regalla, Inês Castel-Branco, Joana Pais de Brito, Miguel Thiré, Telmo Mendes e Telmo Ramalho

Numa altura em que o país tenta retomar o que é possível da normalidade, a cultura voltou a ser chamada e procura, também ela, regressar aos seus palcos e salas habituais



## TEATRO

### Festival de Almada

O Festival de Almada aposta sobretudo na criação teatral portuguesa, após três meses e meio de paragem. De entre os 17 espetáculos, destaque para “Bruscamente no Verão passado”, de Tennessee Williams, com encenação de Carlos Avilez; “As artimanhas de Scapin”, de Molière, com encenação de João Mota; e “Instruções para abolir o Natal”, de Michael Mackenzie, com encenação de Isabel dos Santos. O Teatro Nacional D. Maria II e o Teatro Nacional São João apresentam duas criações dos seus diretores artísticos. Tiago Rodrigues interpreta “By Hearth”; e Nuno Cardoso apresenta-nos “Castro”, de António Ferreira. De Espanha chega-nos “Rebota, rebota y en tu cara explota”, uma performance de Agnès Mateus e Quim Tarrida e “Future Lovers”, pela companhia La Tristura. Já Mario Pirovano apresenta “Johan Padan”. **DE 3 A 26 DE JULHO**

Teatro Municipal Joaquim Benite, Fórum Romeu Correia, Incrível Almadense, Academia Almadense, Teatro-Estúdio António Assunção, Escola Dom António da Costa e Centro Cultural de Belém

# MÚSICA E DANÇA



## British Lion

**DIA 22 DE JULHO NO LISBOA AO VIVO, LISBOA**

Em Dezembro fizeram alguns espetáculos no Reino Unido e, no início de 2020, uma muitíssimo bem sucedida incursão por território norte-americano. Os British Lion, projeto paralelo de Steve Harris, dos Iron Maiden, fazem agora uma digressão europeia de promoção ao seu mais recente álbum “The Burning”.

## Noites de Verão em Gaia

**DIAS 10, 11, 17, 18, 24, 25 E 31 DE JULHO E 1 DE AGOSTO, ESTÁDIO MUNICIPAL, LAVANDEIRA**

José Cid inaugura este mini festival a 10 de julho e, um dia depois, é a vez de Carolina Deslandes. O fim de semana seguinte pertence a Ana Moura e Pedro Abrunhosa e o outro a Miguel Araújo e Xutos e Pontapés. No último misturam-se a comédia de Herman José e o fado de Mariza.



## EDP Vilar de Mouros

**DIAS 27, 28 E 29 DE AGOSTO, EM VILAR DE MOUROS, CAMINHA**

O mais antigo festival da Península Ibérica está de volta. Serão três dias de muita música com três confirmações já anunciadas pela organização. Dia 27 atuam os Limp Bizkit; no dia seguinte é a vez de Placebo; e no dia 29 o eletrizante Iggy Pop.

## Jazz 2020

**ENTRE 31 DE JULHO E 9 DE AGOSTO, NO ANFITEATRO AO AR LIVRE DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, LISBOA**

O jazz vai voltar a ouvir-se na Gulbenkian num ciclo de concertos dedicado ao jazz, à música improvisada e exploratória, que pretende apoiar o regresso dos músicos portugueses ao palco. A programação inclui alguns dos projetos nacionais mais relevantes da atualidade.



**FESTIVAL**

## Festival ao Largo



Festival ao Largo deste ano vai realizar-se no pátio do Palácio Nacional da Ajuda, em vez do habitual Largo de São Carlos, devido às exigências de distanciamento social impostas pela DGS. Um cenário, ainda assim, perfeito para, uma vez mais, a música abandonar a sala de teatro e fazer-se ouvir em plena rua. O festival, que conta com a participação habitual dos corpos artísticos da Orquestra Sinfónica Portuguesa, do coro do Teatro Nacional de São Carlos e dos bailarinos da Companhia Nacional de Bailado, irá ainda apresentar teatro, no âmbito de parcerias com o Teatro Nacional D. Maria II, o São Luiz Teatro Municipal e a Orquestra de Oeiras/Cascais. A programação tem como mote “Devolver a confiança para todos e com todos” e pretende proporcionar música clássica de forma descontraída. **DE 10 A 25 DE JULHO**

Pátio do Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa



## IndieLisboa



IndieLisboa vai ter lugar no final de Agosto, nas salas habituais, e fará retrospectivas da obra do realizador senegalês Ousmane Sembène e dos 50 anos do Fórum da “Berlinale”. Na secção Silvestre, o foco estará na realizadora Mati Diop; e no

IndieJúnior a programação para toda a família está garantida com mais 30 filmes. Há ainda a destacar a competição internacional, composta por 12 longas e 31 curtas metragens, entre elas “Nafi’s father”, de Mamadou Dia; “The Year of the Discovery”, de Luis López Carrasco; “Red Moon Tide”, de Lois Patiño; “If I Were the Winter Itself”, de Jazmin Lopez; “Tendre”, de Isabel Pagliai; e “Os Últimos Românticos do Mundo”, de Henrique Arruda. A programação completa estará disponível, a partir do final de Julho, no site do festival, onde serão divulgados os filmes que integram a Competição Nacional.

**ENTRE 25 DE AGOSTO E 5 DE SETEMBRO**

Cinema São Jorge,  
Culturgest, Cinema Ideal  
e Cinemateca Portuguesa



## Jardim de Verão



Este ano, a Gulbenkian desafia a Zé dos Bois (ZDB) a apresentar uma programação transdisciplinar de artistas a residir em Portugal. O Jardim de Verão 2020 procura explorar vários caminhos que passam pela instalação, performance e música.

O Jardim Gulbenkian, abre-se a instalações de Patrícia Portela e Christoph De Boeck; Berru; e Paulo Morais e, nas tardes de sábado e domingo, a ZDB propõe duas performances de Gustavo Sumpta e uma de Tiago Barbosa (Grande Auditório). As noites de sexta a domingo estão reservadas para concertos no Anfiteatro ao Ar Livre com propostas que vão desde B Fachada, Calhau!, João Pais Filipe & Burnt Friedman, João Barradas, Julinho da Concertina, Luís Severo, Marco Franco com Joana Gama e Tiago Sousa, Maria Reis, Norberto Lobo, Orquestra Gulbenkian, Peter Evans, e Selma Uamusse. **FINS DE SEMANA ENTRE 3 E 19 DE JULHO**

Fundação Calouste  
Gulbenkian



## Literatura Africana, Histórias, Pilares e Visões Plataforma online zoom

Nestas palestras a Dra. Susan Arndt falará sobre literatura africana de diferentes épocas, focos e contextos históricos. Serão abordadas questões como: Quais os principais pilares da prosa, poesia e teatro em África? Quem são os representantes mais importantes? Que mudanças foram implementadas? Mais informações e forma de inscrição em [www.mapadasartes.co.mz](http://www.mapadasartes.co.mz)

**ATÉ 6 DE AGOSTO, ÀS QUINTAS-FEIRAS, DAS 18 ÀS 20 HORAS**



## Janelas abertas aos sonhos Fundação Fernando Leite Couto, Maputo

A Fundação Fernando Leite Couto é uma instituição cultural que pretende contribuir para o desenvolvimento da cultura Moçambicana. Promove a realização de diversas ações de carácter cultural, educacional e artístico. E para celebrar os 5 anos de existência, a fundação apresenta, na Galeria, a sua coleção privada sob o mote “Janelas abertas aos sonhos”, cujo principal objetivo é despertar o interesse das gerações mais jovens pelo gosto artístico. **DESDE MAIO**



## 1ª edição do Ciclo de Cinema Universitário Centros de Língua Portuguesa de Nampula, Niassa, Maputo, Gaza

Este ciclo irá exibir longas metragens portuguesas e moçambicanas, em vários pontos do país, com entrada gratuita. “Ricardo Rangel - Ferro em Brasa”, de Licínio de Azevedo, será exibido dia 12 de Agosto, em Gaza e Maputo e, dia 15, em Nampula e Niassa; e “José e Pilar”, de Miguel G. Mendes, dia 9 de Setembro em Maputo; dia 12 em Nampula e Niassa e dia 16 em Gaza. **EM AGOSTO E SETEMBRO**

## Andrea Wulf A Invenção da Natureza

As Aventuras de Alexander Von Humboldt  
- O Herói Esquecido da Ciência



pareceu-me a propósito trazer-vos este título, nesta edição em que nos debruçamos sobre a arquitectura paisagista, uma (re)invenção da natureza.

O nome de Humboldt figura em qualquer atlas ou mapa: é uma corrente marítima no Pacífico, um glaciar na

Groenlândia, uma cadeia de montanhas na China, outra em África e também na Antártica. Quase 300 plantas e mais de 100 espécies de animais ostentam o seu nome. Hoje, as suas ideias são tidas como evidentes e fundacionais. O nome é lembrado, mas o Homem foi esquecido. Andrea Wulf trá-lo de volta, de forma eloquente e vivaz. Alexander Von Humboldt nasceu na Prússia, em 1769 e foi educado no Iluminismo, que lhe incutiu um amor pelo conhecimento, pela verdade e pela liberdade. Cresceu numa sociedade em rápida mudança, cada vez menos receosa da Natureza e de Deus. Com telescópios e microscópios, descobriam-se novos mundos. A electricidade era capturada por pára-raios e a máquina a vapor produzia o trabalho de 100 cavalos. Leibniz propunha uma ciência universal baseada na matemática, e Newton usava a matemática para explicar a mecânica do Universo.

Mas mais que os livros, foram as viagens que despertaram a curiosidade científica de Humboldt. Com uma capacidade de observação e uma memória prodigiosas, era capaz de relacionar dados tidos como desconexos. Na companhia de Aimé Bonpland, explorou, ainda jovem, vastos territórios na América do Sul, passando pelos EUA (onde fez amizade com Thomas Jefferson), antes de regressar à Europa em 1804, onde publica “Le voyage aux régions équinoxiales...”. Esta obra será um tremendo sucesso e irá inspirar exploradores, filósofos, poetas e cientistas (entre eles, Charles Darwin).

Humboldt viajou e publicou muito mais. Mudou a forma como vemos o Mundo, e como tudo na Natureza está interligado e é interdependente. Chamou a atenção para a fragilidade dos ecossistemas (termo actual) e como a actividade humana contribuí para as alterações climáticas. Estávamos em 1800.







# Betar

DESDE 1973 NA VANGUARDA  
DA ENGENHARIA



Ponte de Caia, Moçambique